

A QUESTÃO DA LIDERANÇA DA MULHER CATADORA NAS COOPERATIVAS DE GOIÂNIA: DISCUTINDO A RELAÇÃO DO PODER HEGEMÔNICO-MASCULINO NO UNIVERSO DA CATAÇÃO.

Flavio Santos da Silva¹
Rafaeli dos Santos Costa²
flavio.flaflantos@gmail.com
finha17@gmail.com

Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás-UFG
Gt 3 – Relações de gênero

A nossa Sociedade Contemporânea vem passando por várias mudanças e crises paradigmática na estruturação econômica, familiar, cultural e principalmente nos comportamentos humanos. Por essa razão os estudos em relação à categoria de gênero, sexualidade, diversidade e o patriarcado têm tornando-se tema de grandes debates nos últimos tempos como bem enfatizou Manuel Castells (2009). Para Castells, o conflito entre os novos e os velhos papéis femininos proporcionaram grandes questionamentos, mudanças na reorganização e perpetuação de alguns sistemas de dominação/exploração. A incorporação da mulher no mercado de trabalho, a economia global e o avanço tecnológico proporcionaram maior contestação do sistema vigente acentuando um aumento da individuação feminina como destaca Magalhães (2006). Mesmo com essa individuação feminina, não podemos negar que vivemos sobre o prisma do patriarcado. Este foi abalado em suas estruturas, entretanto não superado, estando presente em todas as sociedades. No entanto, manifesta-se de formas diferenciadas segundo a cultura local de cada país. Provido desses elementos, este artigo propõe, em primeiro momento, uma abordagem do papel da mulher e seu entrelaçamento com o mercado de trabalho. E no segundo momento, enfocar quais os entraves encontrados pelas mulheres catadoras nas cooperativas de Goiânia diante da sua atuação como liderança feminina frente ao poder hegemônico-masculino verificado em suas cooperativas. Sabemos que, na questão de gênero, o Centro-Oeste, especificamente em Goiás, diferencia-se da média dos demais estados, a nível nacional, na participação de mulheres nas cooperativas, totalizando-se 34,3% de acordo com dados obtidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, (2013). No entanto, essa individuação se choca com a submissão, uma vez que “*o discurso enaltece a liberdade, o trabalho, a escolarização feminina e, ao mesmo tempo, cria um efeito discursivo de não deixar as mulheres esquecerem que seu lugar primordial é a esfera do lar*” (MAGALHÃES, 2006). Assim, há cobranças para dedicação total da mulher a sua família em prejuízo da carreira profissional através do sentimento de culpa por não conciliar os cuidados profissionais, educacionais e, sobretudo, materno/familiar. Dessa forma, podemos perceber a ocorrência da existência da dupla ou tripla jornada de trabalho exercida por essas mulheres catadoras que ocasiona sensações de culpa pelo não cumprimento do dever, gerando, como consequência, o sentimento de remorso, e a insatisfação pelo não cumprimento adequado do ofício. Por isso, se faz necessário rever essa problemática nesse universo da catação. Destarte, procuramos compreender e focalizar a nossa atenção na categoria de gênero como ferramenta de análise para desmistificação dessa submissão. Nessa toada, consideramos que este trabalho desempenhado por essas mulheres catadoras nos propõem uma releitura do papel da mulher na esfera do trabalho e, em especial, no trabalho cooperado que também perpassa na busca de questionar o poder hegemônico-masculino tão enraizado em nosso cotidiano. Desse modo, para elucidar essa investigação e compreender os nossos sujeitos da pesquisa, utilizamos como processo metodológico uma pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo sobre a temática proposta. Inicialmente, perpetrados a busca de

¹ Doutorando pela Universidade Federal de Goiás – UFG, e Coordenador Pedagógico da Incubadora Social-UFG.

² Geógrafa, especializando em Educação, Diversidade e Cidadania e Técnica Social da Incubadora Social – UFG.

uma conceituação em torno de como se daria o entrelaçamento entre o gênero, patriarcado e trabalho, usando as concepções teóricas de Saffioti (1987), Richartz (2004), Machado (2000) e Castells (2002) como ferramenta de análise para explicar essa realidade. Em nossas observações, essas categorias se apresentaram como via importante para o nosso objeto de pesquisa, isto é, gênero, patriarcado e trabalho indicam uma forma simultânea de ser, e de se apresentarem numa dada sociedade articulando-se no processo de diferenciação entre homens e mulheres em determinados contextos histórico-sociais. Sendo assim, realizamos uma densa pesquisa de campo nas sedes das cooperativas e durante os encontros semanais dessas lideranças na rede “Unidos Somos mais Forte” (UniForte), nas mediações da Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás – UFG, e da cooperativa de Reciclagem (Cooprec) sede da rede UniForte. Para alcançar o universo das cinco cooperativas de Goiânia (Acop, Cooprec, Coocamare, Cooper Rama e CooperMas), fizemos o uso de um questionário semiestruturado, entrevistas, análise de conteúdo e história de vida, buscando, assim, analisar os conteúdos das falas dessas mulheres, procurando enfatizar a ideologia patriarcal contida nesses discursos. Percebemos, em nossas análises, que essas “mulheres catadoras” e “líderes” trazem consigo, em seu processo de socialização, forte contribuição patriarcal, ainda que tal verificação seja simbólica, já que é possível conotar de forma singela, o caráter dominante-machista em suas falas. Nesse ínterim, outro dado importante constatado gira em torno do avanço positivo ou não da inserção dessas mulheres enquanto líderes nas cooperativas. Essa inserção não consegue emancipá-las da esfera doméstica (do lar). O que existe realmente é uma falsa aparência ideológica de liberdade permeada na relação entre gênero, patriarcado, trabalho e liderança, já que o nosso social possui um princípio desigual na esfera do trabalho. Por outro lado, existe certo avanço que nos levam a acreditar na possibilidade de uma verdadeira emancipação feminina a nível social nesse universo da catação. Contudo, gostaríamos de ressaltar que essas mulheres tornaram-se proeminente para esse trabalho devido a grande relevância em sua atuação dentro e fora das cooperativas.